

EVANDRO TEIXEIRA: O OLHO DA RESISTÊNCIA.

Francisco Carlos Teixeira da Silva



“Meu olhar, meu protesto, era a fotografia”.

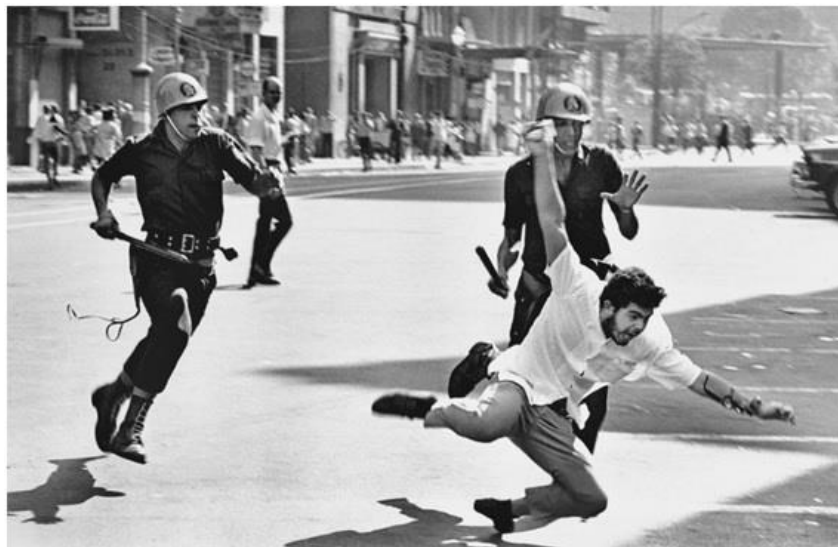


Foto de Evandro Teixeira

O Golpe de 1964 encontrou no Brasil um jornalismo de grande diversidade e de alta qualidade. Embora os grandes jornais diários, em especial no Rio de Janeiro – tais como “O Correio da Manhã” (circulou de 1901 até 1974), “Última Hora”, fundado por Samuel Wainer (circulou de 1951 até 1971) – ambos duramente atingidos pelas medidas da ditadura -, “O Dia”, “A Noite” (que havia circulado entre 1911 e 1957), fossem jornais de alguma

fragilidade financeira – ao contrário dos dois diários poderosos de São Paulo, como “A Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo” – a imprensa era largamente marcada pela presença do “Jornal do Brasil” (circulou como jornal-papel entre 1891 e 2010, quando passou a ser o JB Online), onde cronistas de alto nível intelectual desempenhavam um papel bastante importante. Havia, ainda, as revistas de Adolfo Bloch, como “O Cruzeiro” e “Manchete”, com suas edições repletas de fotos e ilustrações, então, de alta qualidade – em especial do jornalista Jean Manzon.

“O Globo”, com sua poderosa rede de meios de telecomunicações, um processo inédito na história do jornalismo brasileiro, só surgiria como um grande jornal – e depois TV – ao longo da ditadura militar, a qual apoiara desde antes do Golpe até a inexistência de uma cobertura ativa e informativa das lutas pela Anistia ou pelas “Diretas Já”.

Na imprensa diária imperavam nomes de intelectuais de grande porte, como Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Antônio Maria, Sergio Porto, Carlos Heitor Cony, Mario Filho, Marina Colasanti, Otto Maria Carpeaux, Antônio Callado, Cecília Meireles, Marcio Moreira Alves ou Edmundo Moniz, entre outros... Todo este universo de intelectuais, com laços profundos com a boemia carioca, com seus cafés e “nights clubs”, compunham um ambiente altamente politizado, de tendências diversas, e quase sempre com posições críticas, e mesmo militantes, contra as mazelas do Brasil e, desde 1964, contra o Golpe Militar (excetuando-se a posição peculiar de Nelson Rodrigues). Muitos deles, como Sérgio Porto e Carlos Drummond enfrentarão diretamente a ditadura, muitas vezes através de ridicularização dos aspectos mais tacanhos do regime. Aos poucos, e com justeza, o nome de tais escritores e jornalistas começa a ocupar a atenção dos historiadores. Poucas vezes, contudo, destacamos o papel do fotojornalismo brasileiro, em especial do Rio de Janeiro, no seu papel de documentação e de representação da nossa vida política, incluindo de evidenciação dos seus aspectos mais truculentos. A fotografia brasileira possuía, desde sua adoção no país, grandes representantes, e neste período destacava-se o francês Jean Manzon, capaz de documentar as grandes transformações dos anos de 1950. Mas, uma modalidade especial da fotografia e do jornalismo, o fotojornalismo de rua, do evento decisivo, na expressão de Henri Bresson-Cartier, ficou em segundo plano nos estudos e mesmo na memória brasileira. Contudo, os anos de 1960 e 1970, presenciaram a atuação profissional de um dos mais importantes fotógrafos brasileiros, e hoje já considerado mundialmente relevante. Trata-se de Evandro Teixeira, nascido em Santa Inês, antiga Irajuba na Bahia, em 1935. Depois de uma passagem

pelo periodismo baiano, no “Diário de Notícias”, Evandro estabelece-se no Rio de Janeiro, trabalhando nos “Diários Associados” – no “Diário da Noite” e no “O Jornal” -, Evandro destaca-se pela capacidade de estar no lugar certo e em face do evento decisivo. Suas fotos são claras, nítidas, contendo na fixidez do papel um momento de extrema ação. A partir de 1963 começa a trabalhar no prestigioso “Jornal do Brasil”, o popular e respeitável “JB”, onde ficará por 47 anos (até o fim da edição em papel do grande jornal carioca). Em dois momentos, ou ao menos em dois dos muitos momentos centrais da produção de Evandro Teixeira, suas fotos assumem a essência do fotojornalismo e da própria técnica da fotografia e do jornalismo. O movimento capturado, o instante suspenso no tempo, emerge na foto “A Queda da Moto” e, já em 1968, na ontológica foto “A Passeata dos Cem Mil”. Ambas as fotos, aqui reproduzidas, marcam a face da ditadura no Brasil. De um lado, a truculência policial, a cara fardada da repressão e o movimento de fuga e espanto de um civil. Tal foto é, talvez, a imagem mais reproduzido de cartazes, folders e livros para retratar a ditadura no Brasil. Na segunda foto, “A Queda da Moto”, um soldado, o símbolo por excelência do regime, é lançado ao chão, enquanto a máquina avança sozinha. Neste caso, a truculência cede lugar a impotência, a incapacidade, mostrando a fragilidade do regime de força. Ambos os trabalhos contém uma carga imagética absolutamente reveladora, subversiva em relação ao próprio imaginário que o regime buscava difundir em público.

As fotos de Evandro Teixeira sobre as manifestações de estudantes e trabalhadores – em especial a Passeata dos Cem Mil, de 1968, com soldados e policiais montados ou em grupo atacando os manifestantes, tornaram-se a face da repressão, e da resistência, durante a ditadura militar de 1964. Hoje são elementos centrais da memória dos anos de chumbo e ocupam um espaço fundamental no esforço de impedir o esquecimento ou abrandamento que o tempo, os interesses, muitas vezes lança sobre a História.

Como jornalista, e cidadão, Evandro sempre entendeu o fotojornalismo como um ato político, conforme entrevista recente, quando nos afirma: A fotografia tem um papel importante na revolução, (...) quando você conseguia salvar alguma coisa, quando você não era preso, ou massacrado ou quebrado na rua, lá você conseguia manipular a fotografia, fazer um contato escuro (...) para enganar o cara (...). A gente às vezes conseguia enganá-lo. Às vezes não, às vezes sim, e a maioria sim quando era publicada a foto que ele não gostava aí “o pau comia”, “aí a coisa ficava roubada” (...). As perseguições, prisões e a censura atingiam a

obra do fotógrafo tanto, e talvez com mais rigor, do que muitos escritores, compositores e jornalistas e, mesmo assim, poucas vezes destacamos o papel de tais profissionais[1]..



Foto Evandro Teixeira

O trabalho de Evandro Teixeira foi reconhecido internacionalmente através de vários prêmios, entre os quais o Premio UNESCO de Fotojornalismo e exposições internacionais em Paris e Tóquio. O conjunto da obra de Evandro Teixeira tornou-se uma fonte, ainda pouquíssimo explorada e discutida, para a construção do imaginário do regime militar-civil de 1964.

Além da vasta produção, espalhada pelas páginas dos jornais e hoje em galerias por todo o mundo, Evandro Teixeira publicou alguns livros de consolidação da sua obra, entre os quais destacamos: “Fotojornalismo”, de 1983; “Canudos, cem anos”, de 1997 e o maior acervo de fotos da resistência ao Golpe, em “68 destinos: a Passeata dos Cem Mil”, de 2008.

Fonte

Fotográfica, biografia e mais informações sobre o trabalho de Evandro Teixeira:

<http://www.evandroteixeira.net/>

[//www.flickr.com/photos/63791439@N08/](http://www.flickr.com/photos/63791439@N08/)>;<http://www.flickr.com/photos/63791439@N08/>

(site do Flickr com as fotos da entrevista)

Notas

[1] Leia mais: <http://dedodprosa.webnode.com.br/products/literatura-e-outras-areas-evandro-teixeira/>